

ELIS REGINA, A SÍNTESE DA MPB?

 DÉBORA HELEN DE OLIVEIRA

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.250>

Por vezes, discute-se os questionamentos oriundos de uma possível evolução e institucionalização da MPB no século passado, orientando-nos numa reflexão que propõem conceber um grande nome da música brasileira, a tal qual é conhecida pelas performances sustentadas não apenas por seu talento irreduzível na substância de sua voz, mas de toda dramaticidade, ironia, orgulho e comoções possíveis que a intérprete de “Arrastão”, “Atrás da Porta”, “O Bêbado e o Equilibrista” entre outros sucessos, produziu em todo seu gesto performático¹. Elis Regina² é pre-



sente, porém de forma atemporal, pois a cantora, a quem abordamos nosso foco de análise, está presente na materialização daquilo que entendemos como música, daquilo que entendemos como um efeito e produção de vocalidade³ que preenche espaços e alcança a sensação de prazer de seu interlocutor, e fundamentalmente, se faz presença acurada na reflexão perdurante até os dias de hoje: Seria Elis Regina, uma síntese da MPB?

ELIS E O FINO DA BOSSA

Elis Regina esteve presente em todo o desenvolvimento daquilo que denominamos como Música Popular Brasileira. Por volta da década de sessenta, onde a aparição da MPB se deu como emergente, Elis inicia sua trajetória com

¹ Apossamo-nos do léxico performático ao dizer sobre a performance de palco, de vídeos e toda e qualquer apresentação que Elis Regina esteve.

² Suas principais canções reconhecidas, ao menos, pelas principais plataformas de streamings, como o Spotify, determinam “Águas de Março, Como nossos pais, Tiro ao Álvaro, Só tinha de ser com você, Velha roupa colorida e O Bêbado e o equilibrista” como as canções mais populares da cantora intérprete, pelo menos, em dias atuais.

³ Expressão comum no campo de Análise de Discurso, cujo significado diz sobre a produção substancial da voz.



a apresentação do programa “Fino da Bossa”, exibido pelo canal televisivo TV Record São Paulo, nos anos de 1965 a 1967. A assunção da exibição era com ninguém mais, ninguém menos que Elis Regina e seu grande parceiro, Jair Rodrigues, cuja atuação e performance foi muito bem recebida pelo público, acolhendo-os com entusiasmo e calor. Essa recepção foi tão positiva que provocou uma competição entre gravadoras (Odeon), que lançaram Elza Soares e Wilson Simonal em uma tentativa de desafiar o sucesso alcançado.

O início de sua carreira profissional, marcado por uma trajetória significativa na rádio, proporcionou um aperfeiçoamento não apenas como cantora, mas também em relação ao contato com o público, domínio do palco e microfone, além de familiaridade com a complexidade operacional de programas radiofônicos. Essa experiência foi fundamental para a introdução do programa de televisão O Fino da Bossa, em parceria com Jair Rodrigues. Todo esse conhecimento dos bastidores dos meios de comunicação, comunicação com o público e seleção de repertório tornou-se essencial para a organização de sua própria carreira.

Toda a performance de Elis, desde a sua corporalidade à sua substância vocal, se dialogavam referencialmente com todo aquele espaço radiofônico, acarretando nuances entre esse

campo da rádio e a bossa nova, o que fundamentalmente, se tornou determinante em toda sua trajetória. Não desconsideremos que Elis se destacou nos aparelhos radiofônicos, em especial no início de sua carreira profissional. Neste preâmbulo, a artista pertencia a um grupo “que transitou entre o campo do rádio para o televisivo, e assim, tinha a chance de conhecer outros músicos que desempenhavam suas músicas em espaços não semelhantes ao espaço da rádio” (Oliveira, p. 48, 2022).

O produtor de O Fino da Bossa, popularmente conhecido como Manoel Carlos, recebia elogios pelo programa, que era reconhecido como um show em que a música popular brasileira era o destaque principal. Os primeiros programas apresentavam convidados como Maria Bethânia, Nara Leão, Vinícius de Moraes, Wilson Simonal, Edu Lobo e outros artistas, representando uma diversidade de estilos, desde a Bossa Nova até o samba moderno e a música popular moderna.

Assim, o programa “O Fino da Bossa”, com toda sua técnica de marketing – que muito rendeu o sucesso necessário – promoveu Elis Regina como imagem determinante do programa, com habilidades que a referenciavam como “cantora popular moderna, de grande capacidade de transmissão, de interpretações muito pessoais e imaginativas”. (Lunardi, 2011. Pg. 37). Para

Lunardi¹ (2011), certamente, o “Fino da Bossa” demarcou toda a trajetória de Elis, pelo qual era contemplado por toda uma grande população que observava naquela programação um “porta-voz da música popular brasileira”, “e uma solução para o famoso debate entre qualidade e popularidade na MPB”. (Lunardi, 2011, pg. 100),

“O programa destacava a música popular brasileira e configurava anualmente os festivais dessa música popular. É importante a citação desses festivais na era proposta, como uma relevante produção da música popular brasileira, e que trouxe a promoção e difusão das temáticas com teor de engajamento social inscritos na valorização da própria MPB.” (Oliveira, p. 50, 2022)

Muitos compositores da época se apresentavam no programa, tocando músicas nacionais e canções de protesto originários dos movimentos estudantis. Essas músicas refletiam vozes contra a opressão e a ditadura, e eram expressas artisticamente por Elis e pelo autêntico samba de Jair Rodrigues. O programa destacava a música popular brasileira e promovia festivais que impulsionavam a valorização e a difusão da MPB, com temas de engajamento social.

O interesse pelo consumismo na MPB aumentou, e o programa ganhou destaque com uma audiência crescen-

te, com a imagem de Elis se destacando mais do que a de Jair Rodrigues. Lunardi (2011) explicou que isso ocorreu devido à maneira como Elis se apresentava, com uma performance artística e corporalidade que remetia ao estilo do rádio dos anos 1959, embora sua escolha de músicas envolvesse gestos musicais mais modernos.

Assim, o engajamento social e político era presente não somente na MPB, mas também no programa. A busca por diálogos entre a modernidade e a tradição, o engajamento bem posicionado e o mercado levantavam a concepção de uma Moderna Música Popular Brasileira, doravante MMPB, que logo depois, se popularizou em MPB, aludindo, mesmo que ao mesmo tempo, uma herança deixada pela Bossa Nova, porém “em distintivo parâmetro artístico musical, com reducionismo de gestos e uma baixa intensidade da própria vocalidade, por exemplo” (Oliveira, p. 50, 2022). Em todo plano de marketing do próprio programa, os discursos diziam sobre uma Elis rainha da bossa, interpe-lada por muito charme e muita graça, com habilidades para expressar possíveis emoções, cultivando a atenção daqueles que assistiam e acompanhavam o programa.

¹ Doutora e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), com auxílio de bolsa FAPESP. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em História e Música, durante a Ditadura Militar brasileira.

ELIS E O CANTO PERFORMÁTICO

Ao revisitar o nome Elis Regina, um vasto leque de possibilidades se abre. No entanto, antes de prosseguir com essa revisita, é fundamental entender o projeto autoral de cantora e intérprete, conforme explicado por Lunardi (2011). Elis mobiliza sua performance em busca de conciliar com as demandas culturais da Música Popular Brasileira, iniciando assim o seu processo de institucionalização.

Elis materializou diversas performances ao longo de sua carreira artística, expressando-se com cantoria e gestos exortativos, ora dançantes, ora técnicos, e até mesmo espontâneos com leveza ou tensão. Sua maneira única de cantar e se expressar nos palcos chamou a atenção do público e dos jurados do I Festival da Canção, onde ela saiu vencedora. Elis demonstrou habilidade técnica e expressiva ao abordar diferentes estilos musicais, conectando-se de forma profunda com as letras das canções. Seu equilíbrio técnico e emotivo, combinado com sua gesticulação corporal, especialmente com os braços, tornou-a uma figura marcante e significativa nos palcos.

Na busca por contextualização, há o exemplo da canção “Fascinação”, em que Elis utiliza categorias técnicas vocais, alternando entre timbres agudos e mais baixos. Em outra canção, “Jar-

dins de Infância”, Elis procura transmitir uma sensação de espontaneidade e tensão, utilizando linguagem metafórica e analogias satíricas para abordar questões da conjuntura vivida. Ela considerava não apenas a sua performance artística, mas também como essa mensagem poética era percebida e compreendida pelo público, buscando uma conexão efetiva entre si e o público.

Os movimentos corporais, os gestos e toda a linguagem performática de Elis Regina eram compreendidos em sentidos que produziam um efeito simbólico de resistência, “como nas canções engajadas; ou melodramático, com expressões carregadas de forte histrionismo; e de forma mais descontraída, alegre, e muitas vezes dançante, ao cantar sambas.” (Lunardi, 2011, pg. 35). É preciso dizer que essas performances diversas mobilizavam não somente uma linguagem corporal com expressões e todo um corpo dançante, mas também uma estrutura que demandava técnicas, mesmo quando exibidas em efeito de espontaneidade, mas não pode-se negar que esses pontos já diziam sobre um projeto que trazia Elis, mesmo com esse diálogo presente com técnicas e até mesmo com o próprio público. Portanto, neste projeto artístico de Elis, a cantora intérprete considerava não somente sua atuação performática em si, mas também a maneira como tal é compreendida e recebida pelo seu in-

terlocutor, pelo público.

ELIS E O CANTO POLÍTICO

No contexto da performance de Elis Regina, sua vocalidade e gestos marcantes contribuíram para o surgimento de um novo gênero musical conhecido como “música de festival”. Esse gênero, por sua vez, influenciou toda a trajetória da música popular brasileira, posteriormente sendo reconhecido como MPB (Música Popular Brasileira), conforme mencionado por Mello (2003). Marcos Napolitano também destaca que o processo de redimensionamento e consolidação da sigla MPB foi impulsionado por intervenções culturais que buscavam resolver questões relacionadas ao nacional-popular, com uma abordagem cultural e política. (Napolitano, 2010).

Durante a década de 1960, especialmente a partir de 1967, alguns artistas e compositores eram constantemente observados pelo Departamento de Ordem Política e Social, mesmo que não fossem perseguidos formalmente. Sua associação com grupos politizados e membros da esquerda provocava certa contrariedade entre aqueles que defendiam o regime militar. A cantoria de canções com temáticas nacional-populares fortalecia a visibilidade de Elis Regina como uma artista engajada em questões sociais, sendo considerada

uma cantora nacionalista. Mesmo que sua educação política não fosse um fator explicitamente presente, sua associação com esses grupos já era suficiente para atrair atenção e provocação por parte das autoridades da época.

Para a historiadora Lunardi (2011), Elis Regina se colocou historicamente como representante de certas práticas de resistência no ambiente artístico contra o regime militar da época, assim como diz a pesquisadora:

“Tal resistência aparecia nos setores artísticos defendendo a música popular brasileira contra a invasão estrangeira, numa estratégia nacionalista de luta contra o “Imperialismo” liderada pelas esquerdas, sobretudo na década de 1960, e nos setores mais estritamente políticos a partir de “Falso Brillhante” quando, declaradamente, tornou-se uma artista engajada.” (Lunardi, 2011. p.156).

Elis não era aleatória em seu repertório. Algumas canções como: “Sinal Fechado”, “Cais”, “Lapinha”, “Madalena”, “O Bêbado e o Equilibrista”, entre outras, são canções que invocam o engajamento com questões políticas, sociais e culturais. Assim, a cantora reproduzia nomes importantes em seu cancionário, como Vinicius de Moraes, Baden Powell, Edu Lobo. Quando permitia a exposição artística de sua voz, a cantora mobilizava determinadas representações de uma classe – diga-se intelectual – que não temia seus questionamentos sobre o acontecimento



do regime militar, com canções que apresentavam questões sociais “e um posicionamento de defesa de identidades nacionais” (Oliveira, p. 56, 2022). Outro exemplo foi quando a cantora apresentou seu memorável show “Falso Brilhante”, entre a década de 70, constituindo sua própria imagem como grande cantora intérprete do país, com recorde de público, a permanência dos cartazes e a aprovação da própria crítica. Embora Elis manifestou certas posições com discursos nacionalistas no início de sua carreira, pode-se dizer que a figura da intérprete se consagrou como “cantora de resistência” (Lunardi, 2001. p. 165).

ELIS E O CANTO VOCAL

O que é a voz? Certamente, a vocalidade demarca a presença do sujeito no ato de dizer, de cantar. Por isso, é fundamental considerar as modulações da voz, o que permite os efeitos de sentido que se posicionam ao enunciar. No caso de Elis Regina, por exemplo, tem-se uma mulher que atribui efeitos de dramaticidade, utilizando a própria voz “para mobilizar a coerção de um poder com o qual se defronta”. (Oliveira, p. 57, 2022). Para o linguista Pedro de Souza (2017), a voz detém um funcionamento, e se significa no tom em que se coincide a pessoa posicionada, em outras palavras, a pessoa que fala na fala.

Aqui, refere-se aos efeitos que a vocalidade pode provocar, sendo esta determinada historicamente, se colocando como possibilidades de determinadas subjetividades enunciadas na instância daquele sujeito que canta.

O canto feminino, fundamentalmente aqueles que recordam os canais radiofônicos, de certa forma, se comunicavam com a subjetividade dita, pela qual a mulher se posiciona (discursivamente) na MPB, assim, “era necessário o alinhamento dessas subjetividades para fazer ouvir a própria vocalidade” (Oliveira, p. 58, 2022). Há historicidade sobre o canto e a presença feminina na produção da voz, e que conseqüentemente, impõe discursos sobre o estilo da mulher que almejasse ser artista. Já Elis, não escondia sua admiração por Ângela Maria, demonstrando sua devoção pela cantora até mesmo em seu canto:

“... ‘ter descoberto que podia ser cantora a Ângela Maria, comecei a minha carreira de cantora imitando descaradamente em extrema felicidade que eu confesso isso a Ângela Maria, até hoje, em certos momentos das minhas apresentações, eu saco na minha voz a voz da Ângela Maria, e tenho profundo orgulho disso, e Ângela Maria é realmente pra mim a maior cantora que o Brasil já teve até hoje, e vai continuar tendo durante algum tempo. Se Deus quiser, ela vai viver muito pra gente ainda” (entrevista Elis).

Assim, é fundamental contextualizar

essas cantoras, essas artistas e a reprodução das subjetividades nesta relação da instância discursiva e a produção da voz. Portanto, “a inscrição da subjetivação é considerada pelas marcas da historicidade, o que por meio dessa observação histórica, nota-se a presença de uma singularidade do canto feminino como voz inscrito na canção popular” (Oliveira, p. 59, 2022).

CONTRIBUIÇÕES FINAIS

Elis Regina marcou presença em todo o desenvolvimento da MPB. Sua visibilidade é presente desde a era radiofônica, também nos festivais de canção, e até em movimentos sociais pela qual foi (e ainda é) aclamada como imagem da resistência, imagem da personalidade marcante e imagem de talento memorável, permitindo a construção de um projeto autoral que memorizou todo o campo da Música Popular Brasileira. Podemos dizer que Elis Regina é, fundamentalmente, a síntese da MPB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUNARDI, Rafaela. **Em busca do “Falso Brilhante”**. *Performance e projeto autoral na trajetória de Elis Regina (Brasil, 1965-1976)*.

OLIVEIRA, Débora Helen de. **A construção do ethos de sujeitos femininos em canções interpretadas por Elis Regina**.

NASCIDA NA TERRA “ONDE O PEIXE PARA” (ORIGEM TUPI), DÉBORA HELEN DE OLIVEIRA É DOUTORANDA EM LINGÜÍSTICA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGL) PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR) COM ÊNFASE NA ÁREA DE LINGUAGEM E DISCURSO. MESTRE EM LINGÜÍSTICA PELO MESMO PROGRAMA. É ESPECIALISTA (2019) EM METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PELA UNIVERSIDADE BRAZ CUBAS. É GRADUADA (2017) EM LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA (UNIMEP). UMA PAIXÃO: COMPREENDER A INTERSECÇÃO ENTRE MÚSICA E SOCIEDADE.

